

# A ILLUSTRACÃO LUSO-BRAZILEIRA.



LISBOA: — Anno . . . . . 4\$000 réis.

Numero pago á entrega. \$090

N.º 11 — VOL. II.

Sabbado 13 de Março de 1858.

PROVINCIAS: — FRANCO — Anno . . . 4\$300

Ultramar e estrangeiro (moeda forte) . . 5\$000

## Summario.

**ARTIGOS:** — Historia da actualidade — O chafariz do largo do Paço no Rio de Janeiro — Uma viagem a Italia e aos Alpes, conclusão — Porque seria? conclusão — Castello de Carisbrooke — Imagens santas na Russia — Architectura no Egypto — A jumenta de Verona — Bombaim — Mattas e pinhaes — Do fogo — Minas em Portugal — Ruínas da abbadia de Jumièges — Machinas para ceifar — Faiança, sua origem, e diversas especies — A tarde, entre a murta, continuação.

**GRAVURAS:** — O chafariz do largo do Paço no Rio de Janeiro — Bombaim — Castello de Carisbrooke — Ruínas da abbadia de Jumièges — Janotas dos seculos actual e passado.

## Historia da actualidade.

— No mercado d'Aveiro tem havido extraordinaria falta de madeira, a ponto do pinho se vender muito mais caro do que era costume nos mercados mensaes de Vista Alegre.

— A camara municipal d'aquella cidade está construindo um theatro, e um matadouro.

— Os vereadores da municipalidade de Braga resolveram pedir a sua demissão, em consequencia de se não acharem habilitados com os meios necessarios para as obras que são de urgencia fazer-se.

— José d'Almeida, que é negociante na Fonte da Carcova, em Braga, possui um rico museu de conchas, medalhas, pedras d'ornato, e objectos antiquarios indigenas e exoticos, sendo a sua collecção de medalhas das mais ricas e completas que ha em Portugal.

— Ha noticias de Inglaterra, de que o novo ministerio trata de retirar o *bill* sobre a India, proposto por lord Palmerston; mas diz-se que depois de completa a pacificação da India proporá uma medida, na qual se incluirá a clausula da abolição do governo da companhia.

— Receia-se, pela attitude que vão tomando as duas nações do canal, uma ruptura, para o que concorrerá a irritação de animos que tanto os francezes como os inglezes sentem hoje por causa da lei dos refugiados, que se diz será retirada.

— Publicou o governo hespanhol o mappa do commercio geral de Hespanha, no anno de 1851. O valor total das importações foi de 76:382\$710

réis; e o das exportações de 112:599\$664 réis. Portanto ha um saldo de 36:216\$954 a favor do commercio interno de Hespanha.

— Tem-se descoberto conspirações em diversos pontos da França. Pelas prisões a que se ha procedido, foram em grande parte estes planos aniquilados, e encontraram-se varios depositos de armas e munições.

No dia 4 para 5 do corrente estava para rebentar um movimento revolucionario em Paris; que as medidas firmes e activas da autoridade fizeram abortar, prendendo-se vinte individuos como implicados.

— Nas costas da França tem havido fortissimos temporaes. Em Bruxellas, Antuerpia, Ostende, Dunkerque e Paris houve fortes furacões de vento. Nas costas da Normandia os sinistros maritimos são innumerados.

— Na herdade de Ruy Gomes, districto administrativo de Beja, descobriu-se uma excellente mina de cobre.

— No dia 27 do corrente hão de celebrar-se, em S. Vicente de Fora, exequias por alma do cardeal patriarcha Guilherme I, ás quaes assistirão a familia real e a cõrte.

— As obras que se estão fazendo no palacio real de Belem tem por fim preparal-o para o jantar e baile que ali se darão no dia do desembarque da futura rainha de Portugal.

— Espera-se em Lisboa uma nova companhia hespanhola de declamação, com o seu respectivo corpo de baile andaluz.

— A *pedra das carapuças* é o titulo d'uma nova comedia do senhor Cascaes que subirá á scena na Paschoa, em o theatro de D. Maria II. E' fundada n'uma tradição do sitio de S. João das Lampas.

— Diz-se que se expediram a Malta terminantes ordens para immediatamente se pôrem em estado de defesa as fortificações d'aquella ilha.

— Na America do Norte estavam os mormons fazendo extraordinarios preparativos para resistirem ás tropas da União.

— Houve um incendio entre os vapores que estavam no porto da Nova Orleans, em resultado do qual se queimaram seis, e um ficou muito damnificado.

— No Brazil ha crise monetaria, e por conta do governo se trata de contrahir um emprestimo em Inglaterra.

— Começaram ali os trabalhos de exploração, planta, e nivelamento do terreno por onde deve passar o caminho de ferro de Nicterohy a Campos, de que é engenheiro o doutor Campanema, paulista, que estudou em França.

— No theatro de S. Pedro, no Rio de Janeiro, deu um concerto em favor das victimas da febre amarella em Lisboa, o joven Arthur Napoleão, nosso compatriota, que ali estava de volta da sua viagem ao Rio Grande, Montevideo e Buenos-Ayres.

— Mad. Labarrere, com as suas feras, excitou entusiasmo no Rio de Janeiro.

— O abbade Miel, de nação franceza, faz esta quaresma as suas conferencias na egreja de S. Francisco de Paula, ás Janellas Verdes. E' digno de ser escutado com attenção e proveito.



O chafariz do largo do Paço no Rio de Janeiro.



— Ha noticia de que o senhor Porto já escripturou em Italia, para a futura epoca theatral de S. Carlos, o tenor Raphael Mirate, a *prima-donna* Moreau Santi, e o barytono Leone Giraldoni.

— O numero de cartas expedidas pelo serviço postal da França, no anno de 1857, foi de 252.922:942, que renderam 8.649:930\$420 réis.

— Na typographia franco-portugueza, dos senhores Lallemands, ao Thesouro Velho, imprimiram-se uns albuns, com uma variedade de côres, e egualdade de tiragem, que fazem pasmar. E' um presente que o editor destina a sua magestade el-rei o senhor D. Pedro v.

— N'uma casa da rua da Sophia, em Coimbra, está exposto um palacio de cristal fiado, representando o do imperador da Turquia. Consta de doze mil peças, e tem uma formosa galeria corrida, sustentada por doze columnas, cada uma das quaes é formada por vinte e duas peças. O artista empregou n'esta obra trinta e sete mezes, e vem a Lisboa offerel-o a sua magestade.

— Diz um jornal do Porto, que uma mulher, por alcunha a *Christã*, casada com um tanoeiro, deu á luz tres filhos; o primeiro (menino) das seis para as sete horas da tarde do dia 10; o segundo (menina) ás quatro horas da madrugada do dia 11; e o terceiro (menina) ás nove horas da manhã do mesmo dia.

— Annunciou-se oficialmente o estado de gravidez de sua magestade a imperatriz d'Austria.

— No arsenal de Woolwich apromptou-se uma peça de artilharia modelo, para se offerecer ao imperador dos francezes. Tem apenas a seguinte inscripção: « A rainha Victoria a Napoleão III — 1857. »

— Em Chalons sur Saone houve uma tentativa revolucionaria, apparecendo repentinamente quarenta homens armados n'um corpo de guarda que surprehenderam, ao grito de *viva a republica!* Foram repellidos da estação do caminho de ferro pelos empregados d'este, e depois na ponte de Saone pela tropa que dispersou aquelle ajuntamento, apriacionando quinze individuos.

— Corre noticia nos circulos diplomaticos de que o principe Jorge de Saxe vem a Lisboa tendo em vista o seu casamento com a nossa princeza D. Maria. Como o principe real de Saxonia não tem filhos, este é o herdeiro presumptivo á corôa, e se morresse tambem sem descendencia, extinguiam-se n'elle a linha Albertina, que é a dynastia real de Saxonia. O principe nasceu em 28 de Agosto de 1832.

— Os generaes Changarnier e Bedeau recusaram-se formalmente a acceitar a permissão que se lhes deu de voltarem á França.

— Segundo um relatorio publicado nos jornaes inglezes, a divida da Grã-Bretanha tem augmentado nos ultimos dez annos em 24.237:214 libras sterlingas, das quaes mais de vinte milhoes foram applicados ás necessidades da guerra com a Russia. O juro annual pagavel sobre este augmento é de 1.153:409 libras sterlingas.

— Vae abrir-se na calçada do Marquez de Abrantes uma nova cosinha estabelecida pela sociedade de alimentação economica.

— Houve um grande incendio em Constantinopola, no qual as chammas consumiram trezentas casas. O palacio do governador em Adrinopolis foi totalmente destruido. Diz-se que o fogo foi lançado de proposito pelos malfeteiros.

— Diz o *Commercio* do Porto, que uma mulher de Candal deu á luz cinco filhos, todos com vida, e que chegaram a ser baptisados. A mãe falleceu pouco depois do parto.

— Só por crimes politicos se tem prendido em Paris no corrente mez para cima de quatrocentas pessoas.

#### O chafariz do largo do Paço no Rio de Janeiro.

O Rio de Janeiro, capital do imperio brazileiro, tem, como Lisboa, um aqueducto que lhe fornece aguas, edificado por ordem e no reinado do mesmo monarcha, que mandou construir o magestoso aqueducto das aguas livres.

Havia na cidade do Rio de Janeiro um chafariz

chamado da Carioca, que recebia as aguas d'este aqueducto; porém crescendo a povoação, e não lhe bastando um só chafariz, ordenou-se a construcção d'outro, que a estampa representa; é situado no largo do Paço, no caes, e em frente do palacio imperial. Com o augmento da população as edificações d'este genero multiplicaram-se, e pode dizer-se que hoje os chafarizes estão distribuidos de maneira a satisfazer as necessidades dos habitantes.

#### Uma viagem a Italia e aos Alpes.

Conclusão.

TURIM.

Turim é uma das cidades mais regulares, bellas e elegantes d'Italia; está situada n'uma encantadora planicie, banhada pelo Doire e pelo Pó. As suas ruas, alinhadas, conservam-se sempre em extraordinario aceio, e as principaes vão todas dar á grande praça do Castello. A rua do Pó tem arcadas como a de Rivoli em Paris, e conduz á nova ponte que o imperador Napoleão I fez construir sobre o rio. A rua do Doire tem passeios dos lados, e magnificas lojas. Turim conta perto de cem mil almas.

Os passeios de Turim rivalisam em belleza com os de Milão, ou tem mesmo mais encantos. O theatro é uma sala elegante e perfeitamente distribuida: tem cinco ordens de bellos camarotes e muito commoda platéa.

A uma legua de Turim está o lindo palacio de *Stupinis*, e em uma das margens do Pó, sobre uma pequena eminencia, vê-se o castello da *Superga* — o S. Diniz dos reis de Sardenha.

Existe outro castello real em *Moncaglieri*: é o Versalhes dos principes sardos, situado junto de uma magnifica collina, e cercado de encantador panorama. De Turim a Genova ha caminho de ferro.

GENOVA.

Quantas sensações deliciosas experimenta o verdadeiro artista entrando na cidade de Genova, á vista d'aquelles magnificos edificios, de seus ricos porticos, e sobre tudo d'aquellas magestosas escadas, cuja disposição causa aos estrangeiros verdadeira admiração! e são tantos em Genova os palacios construidos de marmore que se pode pensar que esta cidade não tem senão principes por habitantes.

As ruas, á excepção de uma que serve de passeio publico, são todas muito estreitas, havendo algumas por onde não cabem duas carruagens a par: as casas tem mais de seis andares, e aos primeiros nunca chegam os raios do sol. Debaixo d'este ponto de vista, Genova é o grande Cairo d'Italia, porque no grande Cairo, as ruas são estreitissimas e as casas de altura desconforme. As fachadas de todos os edificios de Genova foram outr'ora adornadas de pinturas a fresco; mas apenas restam mesquinhos fragmentos d'essas pinturas. Todas as casas terminam em um terraço em vez de telhado, onde é costume tomar o fresco á noite, e onde os habitantes de Genova cultivam cuidadosamente laranjeiras, limoeiros e flores.

A rua de que fallámos, e que constitue a excepção, é a que *Dupaty*, nas suas Cartas sobre a Italia, chama a mais bella do mundo; compõe-se de tres ruas, que são — a estrada Balbi, a estrada Novissima, e a estrada Nova. As ruas de Genova são calçadas de largas pedras e conservam-se sempre no melhor estado de limpeza.

No porto podem fundear os maiores navios de guerra; no fim d'este porto a oeste está o porto franco, onde se acham estabelecidos os armazens dos negociantes, e que só por si forma grande parte d'esta cidade, que conta perto de cem mil habitantes.

Com a descripção de Genova dizemos um adeus á Italia septentrional, e abandonamos por algum tempo a Europa, destinados a levar os nossos leitores a mundos menos conhecidos, e mais mysteriosos.

Porque seria?

Conclusão.

A exclamação figurou-se-me singular, e a idéa tão forçada, que não duvidei que me tinha reunido a um lyrico exagerado, discipulo da escola romantica; mas olhando-o com esta idéa, arrependi-me depressa, porque, em pé n'esta occasião sobre o mais elevado do cume, um raio de sol que lhe illuminou a fronte fez brilhar a meus olhos a sinceridade e a altivez. Voltou-se para a longa cadêa dos Pyreneos, inteiramente descoberta, e disse:

— Que maré levantou estes montes, como ondas fixas e immoveis? Que violenta erupção fez brotar do seio da terra estes montes de sinistra figura, produzidos sem o tumulto de um espantoso cataclismo?

Respondi que a origem das montanhas não era muito conhecida; que se attribuiam á desigual frialdade do globo, a pressões, talvez á influencia d'um astro passageiro, etc.

A conversação cessou: depois d'alguns instantes de silencio, o meu companheiro queixou-se de que ainda se ouviam os latidos dos cães e os repiques dos sinos, que eu não percebia, e propoz-me subir a uma crista mais meridional: ali, sentou-se sobre a rocha, e apoiando a cabeça no seu bordão, continha a respiração, e permanecia absorto em profunda meditação.

Herborisei durante aquelle tempo; mas como a caixa de lata em que eu mettia as plantas soava, elle estremeceu, abriu os olhos, e exclamou com enfado:

— Julgava-me sumido na obscuridade, sem movimento nem voz; na obscuridade para sempre, e vejo-me restituído á estalagem, á nossa noite passada, ao quarto com duas camas!...

Esta saída desagradou-me; mas contive-me e afastei-me por excesso de discrição.

Quando a hora me obrigou a procural-o, disse-me com affecto, e como quem deseja reparar momentanea descortesia:

— Agradeço-lhe ter-me procurado este socego (mas tarde comprehendí que o silencio da natureza o preparava para o silencio da morte); jámais gosei de semelhante paz: nenhum ruido, nenhum movimento, a não ser o d'essa espiga de aveia que na roca agita a brisa ligeira!

— É a aveia das montanhas, respondi, e apertei-a nos dedos: está vazia; apoderou-se d'ella o frio ao tempo da fecundação, não tem grãos.

— Uma esteril espiga de aveia é, pois, quanto vegeta aqui, disse elle; um ar pacifico tudo o que se move!

— Não creia, respondi, que os ares sejam tão pacificos; ás vezes rugem; terriveis rajadas correm os montes e levam até ao cimo insectos arrancados ás hervas; mesmo os passaros são arrebatados pelo vento; mas o furacão passa, a ave e o insecto abandonam a cumiada inhospitaleira, a vida retira-se d'ahi, e o deserto torna a ser deserto.

— Não obstante, o verão produz aqui passageira mudança: algumas borboletas obscuras despertam para viver, isto é, para amar; a segunda quinzena de Julho vê-as nascer e morrer; nunca saem d'esta região gelada, onde brilham, e voam n'esta altura em que tudo expirará, menos estes ligeiros amores!

— Mas o inverno cobre de neve o Pico; e adeus vida, excepto n'esses ovos depositados ao pé das gramineas, onde se prepara silenciosamente uma vida. Até as aves de rapina se ausentam; o fallacão foge para os tristes abetos, e o abutre para o mar. Só a aguia fica.

Conversando assim, descemos. Os obliquos raios do sol allumiavam as pequenas ondas do lago. Na estreita garganta das rochas ouvimos os gritos dos passaros, perseguidos pela ave de rapina: o silencio verdugo passeava pelo ar o corpulento volume; continuou a caça e afastou-se.

Os passarinhos cantavam em liberdade no occo das rochas. O meu companheiro vendo que eu procurava insectos debaixo das pedras, perguntou:

— Porque os procuraes debaixo das pedras?  
— Porque ahí se escondem, fugindo do bico dos passaros, que nem sempre evitam; respondi.



— Muito bem, tornou; é uma matança universal! já o tinha suspeitado: a natureza tem dois modos, duas columnas — o amor e a guerra; e o amor mesmo, não é a guerra, ao menos entre os homens?

— Ia responder-lhe, quando as vozes d'um pastor, que trazia no valle o rebanho, nos resoaram aos ouvidos; aquellas vozes arrancaram estas palavras ao meu companheiro:

— Escala em que tudo desce: as pedras, a agua, a neve, e os homens tambem; nada quebrará esta harmonia selvagem? do alto de seus dias cae no nada!

Dizendo assim com voz surda, o melancolico mancebo apanhou um pouco de loiro, que lhe agradava, sem duvida, pelo verde escuro de funebre aspecto. Via talvez n'elle o emblema d'essa arvore de vida, que produz para nós fructos sombrios e venenosos? Não sei; mas parecia estar pedindo á natureza signaes para o seu triste coração, e a sua conversação não foi em verdade mais que uma dolorosa elegia, de que participei ás vezes por perguntas, que provocavam respostas em que transparecia o seu secreto e exclusivo pensamento d'angustia e de lucto.

Estando proximos á estalagem, as nuvens descarregaram em chuva que o sol doirava; a tempestade socegou nos ares, mas não em seu coração. Á noite, em quanto o ceo se cobria de estrellas pelo sul, a luz dos relampagos brilhava no occidente e norte. Não esperei a consequencia d'estas ameaças: despedi-me do meu companheiro, e regressei a Bagneres.

No dia seguinte as cataractas do ceo abriram-se sobre os valles, e cobriram de neve as montanhas; não me recorde de tempo mais humido e sombrio. A natureza, os animaes e os homens pareciam egualmente consternados. Aquelle foi o seu ultimo dia.

Dois camponeses que haviam apanhado pedra nas costas do Pico do Meio dia, voltavam a Gripp com sua pesada carga. Um d'elles percebeu á claridade da lua um vulto no fundo do valle, proximo da corrente; julgou que seria alguma agua morta por destro caçador; mas convidando-o a curiosidade a descer, viu um homem estendido, immovel, e deitou a correr gritando. O seu camarada, mais valente sem duvida e menos supersticioso, aproximou-se, e dando-lhe com o pé: « Estás morto ou vivo? Responde! » disse com energia; (se está vivo, fallará, pensou consigo); mas vendo que não respondia, acovardou-se tambem, e como homem discreto foi dar parte aos habitantes de Gripp e aos magistrados de Bagneres.

O juiz, o promotor fiscal, o escrivão e um medico dirigiram-se áquelle ponto, e em presença da justiça ninguém temeu tocar no morto, que tinha a cabeça despedaçada por duas balas, e uma pistola em cada mão; só uma estava descarregada; a outra, tambem com dupla carga, devia supprir a primeira; mas não foi necessario, e só serviu, entre os dedos crispados do cadaver, para mostrar a sua irrevogavel resolução. Não se lhe notavam symptomas de desordem; a camisa não tinha manchas; e o chapeo estava em um altinho.

Suppõe-se que apesar do que lhe disseram os estalajadeiros, quiz dirigir-se na manhã de 22 para Bagneres; porém seguiu o caminho novo, que apenas chegava então a um penhasco, pouco distante do Adour. A rocha devia desaparecer em breve, mas este obstaculo parecia dizer-lhe: não passes d'aqui! O Adour corria furioso, a neve caía, o ceo estava encoberto: no meio d'este sombrio aspecto da natureza, executou o seu attentado com estoica tranquillidade.

Erguia-se a lua sobre o povosinho de Santa Maria, quando os moradores de Gripp levavam em umas andas o cadaver, coberto o rosto com o seu albernoz. O parochio negou-lhe a entrada no cemiterio, e abriu-se uma sepultura em frente da porta. Recolhido o fato pela justiça, uma mulher offereceu um lençol em que foi involto, descansando em lugar, onde o signal da cruz revela ao passageiro que pisa um sepulchro.

Nada se sabe d'este desgraçado. Pelo que se viu, destruiu os seus papeis, podendo apenas ler-se em alguma folha da sua carteira palavras segundo parece esquecidas, e que por outra parte nenhuma luz lançavam sobre a sua procedencia, nem sobre os seus antecedentes.

Presumo que nenhum revez de fortuna, nenhuma ambição frustrada teriam podido abater a tal acto a sua alma juvenil, bem temperada, activa, e capaz de lutar contra os males reaes e a adversidade; superior como era á vaidade do amor proprio offendido, que se concentra e succumbe, preferindo antes aniquilar-se que resignar-se ao destino commum. Inclino-me a crer que tendo a alma forte, o seu coração foi um pouco terno, e succumbiu ao peso de soffrimentos do espirito. Talvez o enebriaram esses sonhos que o amor suscita nos mancebos. Talvez intentasse realisar-os violenta ou imprudentemente: a experiencia da vida não pôde afugentar esses bellos sonhos, que foram indestructiveis. Conhecendo enfim que devia renunciar a elles ou morrer, preferiu a morte, convencido de que, depois de tão maravilhosa visão, não era conveniente viver na funesta realidade.

Mas tudo isto são simples supposições. Disse o que vi dos ultimos instantes da vida d'este mancebo. O successo chamou muito a attenção; mas tão triste drama, ferindo por momentos a imaginação do pastor dos valles, perde-se já em sua indifferente memoria.

#### Castello de Carisbrooke.

Este castello remonta ao tempo dos romanos. Uma grande porta arqueada serve de entrada principal.

Esta porta deita para um grande pateo, destinado ás evoluções militares. Depois segue-se o corpo principal do edificio, que serviu de prisão a Carlos I, e a seus filhos. Ha outro pateo, na parte posterior do qual existe a *torre romana*, construída no seculo VI. Do cimo d'esta torre descobre-se um lindo e magnifico panorama.

#### Imagens santas na Russia.

Os russos dão ás imagens o culto de idolatria; e no seculo XVII, especialmente, quasi chegou a ponto de fazer esquecer o que se deve a Deus. Disputavam-se um pequenino logar nas paredes das egrejas para dependurarem um santo que lhes pertencesse, e havia rivalidade a qual melhor o ornaria. Muitas vezes aquellas imagens estavam nas paredes oppostas ao altar, e os devotos que lhes dirigiam as suas orações durante a celebração dos sagrados mysterios voltavam as costas ao sacerdote.

O dono de uma imagem não consentia que outra pessoa lhe dirigisse votos; e quando encontrava alguém a orar ao seu santo, ultrajava-o e perseguia-o até alcançar uma indemnisação. O grande argumento de que então se servia era este: — « Proveja-se de um santo que lhe pertença; ninguém está para se arruinar adornando o seu santo com oiro, perolas e pedraria, para o ver conceder as suas graças a outrem. »

O patriarcha Nicon teve bastante força para arrancar estas imagens das egrejas; mas attrahiu por isso grandes inimidades que concorreram para perdê-lo; e se as imagens particulares desapareceram das egrejas, nem por isso o culto que se lhes dava deixou de ser menos fervoroso no interior das casas.

Na Russia, por toda a parte se vê, logo ao entrar a porta de qualquer casa, imagens de santos, ante as quaes se inclinam fazendo o signal da cruz, e dizendo: — « Senhor, tende piedade de mim. » Aos domingos e dias festivos, estas imagens estão allumiadas, e adornadas mui esmeradamente.

Deve advertir-se que estes santos não são de escultura, o que é prohibido; são pintados; e tambem não podem ser feitos senão por algum russo. Não se vendem; trocam-se por alguma quantia, porque é peccado dizer que o pintor as vendeu, ou que alguém as comprou.

Tambem estão expostos á veneração publica nas ruas, portas da cidade, porticos das egrejas etc. De ordinario estão mettidos em machinetas, com as respectivas velas. Por mais apressado que qualquer vá seu caminho tem de os saudar parando um momento para lhe dirigir uma oração, com a

cabeça descoberta, e persignando-se uma duzia de vezes.

Quando estas imagens publicas, ou particulares, estão deterioradas pelo tempo, enterram-nas religiosamente n'um jardim ou cemiterio.

#### Architectura no Egypto.

Esta parte scientifica da industria e das bellas artes tem um logar mui distincto nos productos do genio humano. Aqui iremos por tanto facilitar ao leitor o conhecimento das successivas transformações porque a architectura passou; e para isso principiaremos pelo Egypto, visto a primazia que leva na historia da civilisação, pois foi berço da philosophia, das sciencias, das artes, e de todos os officios e industrias.

O homem aprendeu a exercer uma acção sem rival no meio das difficuldades, obstaculos, e perigos incessantes do mundo primitivo, e d'ahi se seguiu ser o dominador de tudo que vivia ao redor de si, fazendo-se reconhecer por soberano senhor. Desde então a civilisação não tinha mais do que progredir, e foi o que se fez; mas com ella vieram as necessidades, e então se fraccionaram rochedos para os utilizar, e se cortaram para o mesmo fim as florestas que coroavam as montanhas, e os bosques que se estendiam pelas planicies.

Vieram em seguida a este geral destroço de montes e florestas as inundações que arrastaram consigo as terras vegetaes; e a estes effeitos da imprevidencia dos homens, seguiu-se a secca e aridez, que os forçou a refugiarem-se nas fertes margens do Nilo. Foi ahi que se realisaram os maiores aperfeiçoamentos a que o genio humano pode chegar, e d'ahi se propagaram levando a luz ás outras nações.

Vejam, portanto, quaes foram estes aperfeiçoamentos sob o ponto de vista da architectura, e fallemos da civilisação egypcia, não em todo o seu esplendor, mas sómente no anno de 11504 antes da nossa era, no tempo da dynastia divina, no reinado de Phtha, ou Vulcano, quando as bellas artes principiavam sensivelmente a declinar.

Esta epoca, a mais antiga de que ha authenticos documentos, é historiada por Manetton, o historiographo de Ptolomeu Philadelpho, e a academia das inscripções e bellas-lettas do instituto de França novamente constatou a sua authenticidade premian-do, em 1846, a excellente obra de mr. Lesueur, da academia das bellas-artes, intitulada: *Chronologia dos reis do Egypto* — Pois bem: desde o anno de 11504 até 10376, a degeneração augmentou; e foi então que Thoth, o quarto Hermes, successor immediato de Horus, filho de Osiris, formulou as leis que regeram o Egypto durante o tempo da sua brilhante existencia, e ás quaes se refere Platão quando diz: « Não é permittido, no Egypto, nem aos pintores nem a qualquer que pratique a arte do desenho, innovar coisa alguma fora dos habitos nacionaes. Esta prohibição ainda vigora, e até se estende á musica. É por isto que observareis no Egypto pinturas e esculpturas de dez mil annos, e ainda mais (e quando digo dez mil annos, não é um modo de locução, é a verdade exacta), que não são nem mais bellas, nem mais feias do que as que se fazem hoje; quero dizer que são absolutamente semelhantes ás do tempo presente. »

Estas leis, concebidas com tanta sabedoria como previdencia, pozeram um freio ás innovações, e levantaram fortes barreiras ás torrentes de corrupção e decrepitude que avançavam sobre as bellas-artes, e faziam presagiar que as mais nobres e laboriosas conquistas do genio humano, ao cabo de um pouco de tempo, fossem ruinas, ou se transformassem em o nada. Era portanto, n'um tempo anterior a esta epoca, e para sustar quanto possivel o progresso do mal moral que minava a sociedade egypcia, que os legisladores haviam invocado a presença de Deus; e para a tornar mais sensivel aos olhos vulgares, tinham revestido d'um involtorio corporal, mas idealizado, este ser eterno, immutavel, e infinito; e é a esta idéa, apresentada sob um aspecto grandioso, que se deve attribuir o nascimento das bellas-artes, sua perfeição, e sublimidade.

No tempo, porém, em que reinava Thoth, a es-



culptura e a pintura já não eram mais do que ecos das bellezas anteriores, que sem duvida teriam tambem succedido a outras ainda mais aperfeiçoadas. O exame dos materiaes empregados nos monumentos cuja data é incontestada, prova que estes antigos monumentos se formaram com os restos d'outros edificios arruinados por sua vetustidade. Isto comprehende-se tambem apenas se observa que todos os autores mais veridicos concordam em reputar o Egypto como o paiz mais celebre pelas suas instituições sociaes, pelas suas profundas concepções religiosas, emblemas symbolicos de Deus increado e da natureza divinizada, e por essa multidão de monumentos mysteriosos e gigantes, carregados de emblemas e imagens de toda a casta, cujo numero de templos e palacios era tão consideravel que ainda o seu solo está como calçado de seus preciosos fragmentos. Admiramo-nos das enormes proporções dos recintos sagrados, cujas menores dimensões excedem muito as dos nossos maiores monumentos. Apavora-se mesmo o espirito em calcular a progressão de seculos, e a persistencia que foi necessaria a uma ininterrompida serie de gerações para desbastar, afeiçãoar, esculpir e polir o granito dos templos, aquellas fileiras de esphinges aos milhares, aquellas estatuas symbolicas com cabeças de leão, de abutre, e aquelles colossos de vinte e mais metros de altura, cujo trabalho é de precioso acabamento, e de grande estylo artistico! Note-se tambem que as pedras, de peso gigantesco, não se podiam deslocar, carretear, e levantar, muitas vezes, a consideraveis alturas senão com a ajuda de poderosas machinas e dos maiores calculos da sciencia da mechanica. N'aquelles tempos tão afastados, os sacerdotes do Egypto, depositarios de toda a sciencia, eram tão avançados na geometria e mechanica que talvez nunca os cheguemos a egualar.

Já que não podemos contar o desinvolvimento dos primeiros liniamentos da architectura, por não ser possivel remontar á origem d'esses monumentos velados pelas trevas dos primeiros seculos, mas de tal sorte vastos e esplendidos que a imaginação, por mais brilhante e fecunda que seja, não pode formar idéa exacta, principiemos este trabalho pelo exame das pyramides.

Já desde a origem do mundo quizera o homem que o seu despojo mortal se depositasse n'um tumulo, elevando-se-lhe a terra em figura de cone sobre o corpo, e cobrindo-se com herva. Depois revestiu-se aquella terra de tijolos e pedras. A idéa ligada a estas sepulturas era provocar recolhimento e respeito á cinza do defunto, e dos mortos em geral. N'esses tempos primitivos, a grandeza era a solidez; e por isso em todos os povos se encontraram tumulos de forma conica, e de extraordinaria altura, chegando alguns até á de cento e cinquenta metros.

Continua.

#### A Jumenta de Verona.

Conta-se em Verona, que depois de Jesus Christo ter entrado triumphante em Jerusalem, dera á jumenta em que cavalgara ampla liberdade. Diz-se que o animal depois de se andar divertindo pela Palestina, teve vontade de visitar paizes estrangeiros, e viajar por mar. Não precisou navio, por que as vagas tornavam-se-lhe planas, e o liquido elemento endurecia sob as patas. Visitou Chypre, Rhodes, Candia, Malta, Sicilia etc.: avançou ao longo do golpho de Veneza, e alguns dias se andou divertindo pelos mesmos sitios onde esta cidade se levantou depois. Aborrecendo-se por fim dos ares doentios que ali correm, e d'aquelles terrenos pantanosos, proseguiu na viagem, e subiu o Adige até Verona onde assentou definitiva morada, vivendo como animal honesto e honrado, até que morreu de velha. Fizeram-se-lhe magnificas exequias, e os devotos de Verona guardaram cuidadosamente as suas reliquias encerradas no ventre d'um jumento artificial feito expressamente para esse fim, e que se guardou na igreja de Nossa Senhora dos Orgãos, d'onde costumava sair em procissão solemne, duas vezes por anno.

E até onde pode chegar a superstição!



Bombaim — Gravura de Vidal Senior.



**Bombaim.**

Esta cidade, edificada em uma pequena ilha da costa do Malabar, é a capital d'uma das tres grandes divisões das Indias britannicas, e a metropole commercial do Indostão occidental. A bahia que a nossa gravura representa, é das radas mais vastas e seguras em que uma frota pode achar abrigo.

Pertenceu-nos até 1662 em que foi dada a Carlos II de Inglaterra em dote de sua esposa, D. Catharina de Bragança, filha de D. João IV.

O monarcha inglez cedeu-a depois ao actual possuidor, a companhia das Indias, mediante uma somma consideravel.

Esta cidade, rica, populosa, e assente em solo feracissimo, é como o brilhante frontispicio do mundo asiatico. Além de infinitas coisas, mais ou menos extravagantes, admiram-se ahí bellos edificios e magnificos estabelecimentos: a igreja anglicana, o palacio do governador, as dokas, o bazar, e principalmente o admiravel templo guebro, consagrado ao culto do fogo, são dignos da attenção do viajante curioso.

Em geral todos são prodigos em dar conselhos, e poucos os querem tomar.



Castello de Carisbrooke.

**Mattas e pinhaes.**

Muitos compatriotas nossos ignoram a riqueza que no continente possuímos em mattas, e que se houver n'ellas uma boa administração podemos tirar d'este ramo grandes recursos.

Aqui daremos pois uma abreviada noticia d'ellas.

1.º Pinhaes de Leiria. Subdividem-se em tres:

d'El-Rei.

8.º Pinhal de Valverde.

9.º Pinhaes da Machada, que além d'este comprehende os da Esperta, e Valle de Zebro.

10.º Matta de Chão de Couce.

11.º Matta do Parque de Sernache do Bom Jardim.

12.º Matta do Cerquito.

13.º Pinhal do Camarido.

— o de Leiria propriamente dito, e os de Amor, e Pedrogão.

2.º Pinhaes da Azambuja. Subdividem-se tambem em tres: — o da Azambuja propriamente dito, e os das Virtudes, e Escaropim.

3.º Pinhaes dos Medos. Subdividem-se em dois: — o primeiro com o nome dito; o segundo intitulado do Rego.

4.º Mattas do Vimieiro, que comprehendem além das mattas do mesmo nome, os pinhaes do Vallado, do Santissimo, de Valle de Deus, e de Valle de Gonçalo, e finalmente o Souto de Valle de Sampaio.

5.º Mattas do Mondego, que comprehendem os pinhaes do Urso, de Foja, de Vil de Mattos, e a matta de Ceixa.

6.º Pinhal do Cabeção.

7.º Pinhaes de Ourém, que além d'este comprehende o do Casal dos Frades, e Buxos



Ruinas da abbadia de Jumièges. — Gravura de Baracho.



14.º Pinhal da Flor da Rosa.

15.º Pinhal do Brejo e Carvalho.

16.º Pinhal de Santa Cita.

O rendimento d'estes pinhaes consiste na venda para particulares e para o estado, de aduelas, barrotos, cavernas, cerneiros, chassos, costeiros, curvas, dormentes, liames, paus de volta, pinheiros, carvalheiros, pranchas, pranchões, remos, ripas, taboas caixeiros, ditas de ferro, ditas de cobertura, ditas de solbo, talões para quilha, vaus, varollas, vigas, vigotas, varas, arcos, carvão, cepa, lenha de pinho em achas, e em rama, lenha de arbutto, matto.

Tem annexa a administração das mattas a fabrica resinosa da Marinha Grande, e d'ella e dos pinhaes se extrahem o alcatrão e o pez.

Deve metter-se tambem em linha de conta do rendimento d'estas mattas o penisco, pinhão e bolota que produzem.

A despeza annual d'esta administração, em pessoal e expediente, orça por onze contos de réis.

#### Do fogo.

O fogo é o desinvolvimento simultaneo do calor e da luz produzido pelos corpos chamados combustiveis. Para o physico não é outra coisa mais do que um grau de temperatura mais elevada do que o calorico sem luz.

Os antigos olhavam o fogo como quarto elemento. Alguns povos adoravam-no como divindade.

A dar-se credito ás mais antigas e unanimes tradições, houve tempo em que grande parte do genero humano não sabia o que era o fogo. Os egypcios, phenicios, persas, gregos e muitas outras nações, confessavam que os seus antepassados não tinham originariamente o uso do fogo.

Os habitantes das ilhas Mariannas, descobertas em 1521, não tinham idéa alguma do fogo; e ficaram extremamente admirados quando viram o descobridor Magalhães accendel-o pela primeira vez.

Olharam o fogo como um animal que adheria á madeira de que se nutria; e os primeiros que demasiadamente se lhe aproximaram, ficando queimados, lançaram o terror nos outros, que não se aventuraram a olhar-o senão de longe, com medo, diziam, de ser mordidos, e feridos pela violenta respiração d'aquelle terrivel animal.

A natureza porém offerecia aos primeiros homens muitas indicações sobre o fogo, e muitos meios de assegurar esta descoberta.

Sem fallar dos vulcões, em quasi todos os paizes ha fogos naturaes. Muitas vezes elle se origina da fermentação de certas materias reunidas no mesmo logar, pelo choque de certas pedras, e pela fricção de madeiras.

Muitas vezes o vento tem incendiado canaviaes e bosques. A este facto attribuem os phenicios a descoberta do fogo.

Os chinas contam que Sui-gin-schi, antigo soberano, ensinou o modo de accender fogo roçando dois pedaços de pau, e fazendo-os girar um sobre o outro. Os gregos quasi tinham a mesma tradição. Nos selvagens ainda se usa este methodo.

As vezes o raio lança a chamma sobre a terra. Os egypcios dizem que se deve a descoberta do fogo a este phenomeno.

Se portanto houve um tempo em que os homens estiveram privados do uso do fogo, não foi porque esse elemento se não manifestasse de differentes formas; foi de certo por se ignorar a arte de se servirem d'elle, transportal-o á vontade, e reproduzil-o quando se apagava. Por isso os povos olharam aquelles a quem deveram esta descoberta como os inventores das artes, porque effectivamente não ha nenhuma que possa passar sem elle.

Uma das coisas mais admiraveis seria ver o corpo humano tornado incombustivel. A este respeito devem-se á sciencia curiosas experiencias.

Molhando-se o dedo em ether antes de o mergulhar em chumbo derretido, sente-se uma sensação de frio. Molhando-o n'agua pode-se impunemente metter em sebo derretido a mais de trezentos graus. Tambem depois de o molhar em ether se pode immergir em agua a ferver.

Pode metter-se a mão em qualquer fundição incandescente, tendo-a molhado primeiro em solução de acido sulphuroso contendo uma porção de sal amoniaco.

Mr. Come, professor de physica em Laval, e mr. Cowlet, cortavam com a mão qualquer jacto de fundição; mettiam as mãos nos moldes e cadinhos com o liquido em fusão. Madame Cowlet, que assistia a estas experiencias, permittiu mesmo que sua filha, que tinha oito a dez annos, mettesse a mão n'um cadinho cheio de metal em fusão; ensaio que impunemente se fez.

Mr. Julia Fontenelle diz que um hespanhol, por nome Lionetto, fez admirar em 1819 os habitantes de Paris pela sua insensibilidade ao contacto do fogo, pois manejava uma barra de ferro em braza, revolvia o chumbo em fusão, e bebia azeite a ferver etc.

Em quanto Lionetto esteve em Napoles, o professor Sementini notou que elle punha á cabeça uma barra de ferro em braza, e que logo se via sair dos cabellos um espesso vapor; que o mesmo effeito se produzia quando punha a planta do pé sobre o ferro em braza; e que chegava mesmo a segural-a com os dentes. Desejoso de descobrir o processo de Lionetto fez em si proprio experiencias, e achou:

Primeiro: que por meio de fricções com os acidos, particularmente com o acido sulphurico estendido na agua, a pelle se torna insensivel á acção do calor do ferro em braza.

Segundo: que uma solução de pedra hume, evaporada até se tornar esponjosa, ainda é mais propria a este fim, empregando-a em fricções.

Terceiro: que as partes do corpo assim tornadas insensiveis, e esfregadas depois com sabão, e lavadas, ainda ficavam mais insensiveis; e que por este meio se podia roçar o ferro em braza, sem se cristar o pello.

As mesmas preparações na bocca e na lingua produzem eguaes resultados.

A causa d'esta insensibilidade está naturalmente na pouca conductabilidade que tem para o calor as substancias intermediarias, ou na evaporação d'estas substancias que determinam o ferro quente e o azeite a ferver; porque todo o solido que passa ao estado liquido, e todo o liquido que passa ao estado de vapor, absorve admiravel quantidade de calorico.

Estas experiencias, porém, não são novas. Paré, cirurgião de Carlos IX, diz ter feito incombustiveis algumas partes do corpo pelo emprego do acido sulphuroso.

Aos habitantes de Florença e Sienna se devem os modernos fogos de artificio, porque foram os primeiros que prepararam a polvora com outros ingredientes, para divertir de longe os olhos, e que levantaram machinas e decorações proprias a augmentar a belleza d'estes espectaculos. Principiaram os seus ensaios nas festas de S. João Baptista e da Assumpção, em machinas de madeira que levantaram á altura quasi de oitenta metros, ornadas com estatuas, saindo o fogo dos olhos e boccas d'estas.

De Florença passou o uso para Roma, onde se fizeram as primeiras illuminações no alto do castello de Sant'Angelo. Depois a pyrotechnica passou a ser uma arte cultivada em todos os paizes, e com o soccorro da architectura, esculptura e pintura, deu logar a infinidade de fogos de artificio e festas publicas.

O uso dos fogos de alegria data da mais alta antiguidade. Era no meio d'estes fogos que os patriarchas offereciam os seus sacrificios á divindade. Os gregos accendiam em honra de Minerva, Vulcano e Prometheo, numerosas lampadas em acção de graças á primeira divindade por lhes ter dado o azeite, á segunda por ser fabricante das lampadas, e á terceira por lhes ter ensinado o uso do fogo roubando-o ao ceo.

Uma das festas dedicadas a Baccho consistia n'uma grande illuminação, e em profusão de vinho aos que concorriam a ella.

Foi n'um fogo de alegria, no meio da praça Trajano em Roma, que o imperador Adriano queimou os seus titulos de credito sobre as provincias. Estes creditos montavam a uma somma fabulosa; e avaliam-se hoje em vinte e seis mil setecentos contos da nossa moeda.

Segundo diz um autor, os fogos de S. João succederam aos fogos sagrados accessos á meia noite, no momento do solsticio, nos orientaes, que figuravam por esta chamma a renovação do seu anno. Estes fogos eram acompanhados de votos e sacrificios pela prosperidade dos bens da terra. Dançava-se em roda d'elles, e cada um, ao retirar-se, levava consigo um tição. O resto dispersava-se ao vento, por que com aquellas cinzas se dispersavam as desgraças.

Muitos seculos depois, quando o solsticio já não foi o começo do anno, nem por isso se deixou de continuar o mesmo uso, filho já do habito e das idéas supersticiosas que se lhe ligavam.

#### Minas em Portugal.

O engenheiro Sidney Droz veio a Portugal no anno de 1856 para examinar os jazigos de minas, cujos productos actuaes ou futuros podessem alimentar o trafico dos caminhos de ferro projectados no paiz. Por este motivo limitou as suas observações ás minas situadas na zona do terreno por onde deviam passar os differentes traçados, não despresando o estudo geologico d'esta porção do paiz. Da sua memoria é que vamos extrahir a seguinte noticia.

A mina de Valverde, situada entre Alcanede e Porto de Moz, é lavrada pelo senhor José Ferreira Pinto Basto. É de lenhite jurassica. A pequena distancia d'ella encontram-se affloramentos de ferro, o que prova encerrar jazigos metaliferos.

Em Cabeço de Veado, e Ferraria d'Arribalde, reconhecem-se affloramentos de lenhite. Em ambos os pontos ha indicios de minerios de ferro.

No districto de Porto de Moz ha as seguintes minas: Maujolo, de carvão; Sardanita, idem; Charambeis, ferro-gesso; Portella de Val de Espinho, ferro; Volta da Cal, carvão; Fontainhas, carvão-ferro; Currial, carvão; Ferraria de Porto de Moz, idem; Alqueidão, ferro oxydulado. Esta ultima demonstra que não se fizeram ainda trabalhos de pesquisa no seu jazigo, e a natureza do minerio é bellissima.

No districto da Batalha, ha minas de carvão em Alcanadas, Golfeiros de Cima, Golfeiros de Baixo, e Chão Preto. É lenhite do periodo jurassico. Pertencem aos senhores marquez de Subsera da Bemposta, e Jorge Croft. Os seus jazigos merecem ser objecto de aturadas pesquisas.

Da Batalha á Marinha, encontram-se em Santo Amaro do Arnal indicios de minerio de ferro no leito d'um ribeiro.

Os jazigos situados entre Marinha e Alcobça são: os asphaltos e lenhites de S. Pedro de Muel á borda do mar, e as áreas betuminosas de Victoria, os quaes pertencem ao senhor marquez de Subsera da Bemposta.

A legua e meia de Alcobça acha-se Cella, onde ha affloramentos de lenhite; e tambem em Aljubarrota. Estas mostram pouca importancia.

Ha noticias de haver minerio de ferro em Alcobertas.

Segundo de Leiria ao Porto, acham-se nos arredores de Leiria minerios de ferro carbonatado em S. Miguel, ás vezes em bastante pureza; de lenhite em Marrazes, cuja carbonisação está pouco adiantada; de ferro, e em abundancia, sem haver ainda trabalhos feitos, apesar de pertencerem ao senhor Croft, em Pinheiros de Leiria; tambem de ferro, no sitio que se chama Capella da Senhora das Necessidades; e affloramentos do mesmo minerio em Outeiro das Pedreiras, proximo a Marrazes, sem ainda se lhe ter feito pesquisa alguma.

Em Spite, a sueste de Pombal, ha lenhite, que afflora em sitios mui distantes; e ha tambem grande quantidade de pyrites de ferro. Em Peste, ao sul de Pombal, na estrada real ha indicios de lenhite, não tendo ainda sido atacado o jazigo.

O terreno de Coimbra a Aveiro é principalmente formado de calcareos jurassicos e de áreas ferruginosas. Em Buarcos, proximo á Figueira, ha uma mina de verdadeira lenhite, que pertence ao senhor conde de Farrobo. Esta mina está em lavra ha oitenta annos.

Entre Aveiro e Porto são silurianos os terrenos. A cidade do Porto está situada n'uma zona gra-



nitica, que tem os seus elementos mui distinctos, e uma côr geralmente cinzenta. Em S. Pedro da Cova, proximo á cidade, ha uma mina de anthracite, tambem pertencente ao senhor conde de Farrobo. Esta anthracite é dura, de um brilho semi-metalico, e de fractura conchoidal, contendo pequenissimas quantidades de materias betuminosas. A maior parte d'este carvão consome-se no Porto para usos domesticos, e tambem algum em Lisboa.

A pequena distancia de Vallongo ha um filão de antimonio sulphurado, cuja lavra está pouco desenvolvida.

A duas horas e meia de Oliveira de Azemeis ha a mina de cobre do Palhal, que pertence aos senhores Ferreira Pinto Bastos. O minerio é de cobre pyritoso, tendo muito quartzo. Pouco distante d'esta ha no Braçal uma mina de chumbo, que é do hartz em pequena escala. Pertence a um alemão.

Voltando-nos agora para o lado do Alemtejo, copiaremos aqui as palavras do autor quando falla das pedreiras de Estremoz.

«Primeira: a um tiro de espingarda da Villa, no monte Santo Antonio, offerecem ellas marmores de um bello branco, e em bastante abundancia, em geral lamellares, e por vezes de grãos finos.

«Segunda: variedades amarellas, ou antes de um fundo branco com veios amarellos; umas vezes, os calcareos branco e amarello se separam e formam veias; outras vezes, e é o mais frequente, se misturam, e não apresentam mais do que uma massa confusa na côr.

«Terceira: variedades de um fundo azul, com manchas brancas irregularmente distribuidas, ou em forma de veios.

«No monte de Santo Antonio acha-se muito pouco marmore azul; abunda pelo contrario em Borba duas leguas além de Estremoz.

«Todas estas variedades, lavradas em grande numero de pontos, podem fornecer o marmore em grandes cubos, ou com pequena espessura e grandes superficies. São susceptiveis de serem polidos, e produzem excellente effeito.

«Os marmores das visinhanças de Estremoz, principalmente os brancos, tem procura em Hespanha.»

Em Elvas não ha em lavra pedreiras de marmore; e comtudo mostram-se ali os calcareos compactos, mui duros, e de fractura ligeiramente lamellar. Vêem-se afflorar em grande numero de pontos.

D'este extracto se pode conhecer a importancia do nosso minerio nos pontos descriptos: e seria para desejar não só que no paiz se entregassem seriamente á sua exploração, que tão descuidada tem corrido; mas tambem que os homens da sciencia percorressem os outros pontos do reino, publicando uma memoria descriptiva das suas investigações para incitar os especuladores a estas productivas empresas.

#### Ruinas da abbadia de Jumiéges.

Jumiéges é uma pequena e antiga aldêa de Normandia, a cinco leguas de Caudebec, sobre o Sena, em uma peninsula formada pelo rio.

As curiosissimas ruinas da abbadia de Jumiéges estão situadas á esquerda da aldêa. Esta abbadia de beneditinos foi fundada, proximo a 654, por S. Felisberto, que para ali se retirou com muitos sabios afim de se entregar exclusivamente ao estudo das lettras. Esta associação de santos dedicados á sciencia conservou-nos preciosissimos manuscritos, que estão classificados nos catalogos das bibliothecas imperiaes entre o numero dos mais raros e authenticos.

D'estes sabios, a historia conservou os nomes de Guilherme, chamado de Jumiéges; de S. Eucher, que foi bispo d'Orleans; de S. Hugo, que transcreveu, commentando-as, muitas chronicas interessantes; de Jeronymo d'Ast; e emfim do celebre Leo d'Atius, o pae das chronicas, que passou a vida a transcrever os mais raros manuscritos da antiguidade.

Esta abbadia era já muito importante; mas no

seculo XIII engrandeceu-se mais, e restabeleceu os seus regulamentos. Havia ali invariavel austeridade; trabalhava-se e orava-se. As construcções levantadas no seculo V em breve foram insufficientes, e ajuntaram-se-lhe immensos edificios. Ainda hoje existem vestigios dos erros da epoca: o convento tinha masmorras, sala d'inquisição, casas de tormentos, prisões, subterraneos, etc.

A revolução franceza dispersou os frades e destruiu a abbadia; mas é muito curioso o que ainda existe d'estas esplendidas construcções. Ambas as torres permanecem quasi completas; a da direita tem metade demolida, ficando intacto um pequeno sino. Os subterraneos estão entulhados; e grandes pedaços de parede, cobertos de musgo e hera, são os ultimos restos das immensas salas do mosteiro.

Na egreja, via-se antigamente o famoso tumulo dos *enervados*. Alguns historiadores acreditaram que era a sepultura dos filhos de Bathilde e Clovis II, a quem foram cortados os cabellos depois de se lhes terem queimado os tendões das pernas. Outros, e estes são os mais dignos de fé, asseguram que Carlos Magno ali fez enterrar os duques de Baviera, Tassillon e Theodoro, que encerrara n'este convento. Emfim, em 1450, Isabel Sorel, depois da sua pendencia com o delphim, veiu a Jumiéges reunir-se ao rei Carlos VII. Alguns dias depois da sua chegada ali morreu envenenada, diz-se, pelo delphim, que foi depois Luiz XI.

As ruinas, situadas a quatro leguas de Rouen, são objecto de frequentes passeios. O proprietario actual, grande amator d'antiguidades, e que possui uma collecção magnifica de curiosidades normandas, comprou muito caro, ha quatro annos, estas antigas ruinas. Fez restaurar algumas partes que ameaçavam desabar, e cingiu as antigas construcções com uma solida muralha.

A opulenta tapada contigua á propriedade estende-se ao longe, e de todas as ruas d'ella se distinguem as duas torres, e o velho eirado que serve de esconderijo a todas as aves nocturnas. A nossa estampa apresenta uma vista muito exacta d'estas ruinas, tirada no proprio logar.

#### Machinas para ceifar.

A introducção do ceifador mechanico resolve uma das grandes questões da lavoura em relação ao tempo e á despeza.

Com a machina de ceifar de *Mac-Cormick*, que concorreu á exposição universal de Paris em 1855, já se fizeram experiencias em Portugal. Mandou o nosso instituto agricola vir um exemplar da America ingleza.

Em terrenos planos, bem gradados, sem regos de permeio e quasi nivelados representando um parallelogrammo de mil e dez varas de base sobre cem de alto, ou em superficie de cento e uma mil varas quadradas, a machina cortou o trigo em quinze horas, correspondendo o seu trabalho ao de setenta e cinco homens por dia.

Duas juntas de bois, quatro homens e dois rapazes foram necessarios para trabalhar seguidamente, revesando-se no fim de cada volta, ou de mais, segundo a extensão d'ellas, e além d'estes, mais dois mestres incumbidos de revistar o apparelho, munidos das ferramentas proprias e das peças sobreceletes, de azeite doce e pez loiro em pó para esfregar a correa do volante.

Na presença d'esta maravilhosa machina desapparecem pois instantaneamente as searas; e d'aqui hade necessariamente provir uma completa revolução em a nossa cultura de cereaes, dispensando o cultivador os ceifeiros nomadas, que muitas vezes custam a alcançar ainda que por subido jornal.

As experiencias que acima notámos foram feitas pelo senhor José Vaz Monteiro na quinta da Lagualva de cima, junto a Alpiarça. Na primeira volta da seara que devia cortar-se gastou a machina trinta minutos, tendo feito um caminho de mil trezentas e vinte e oito varas, ou mil quatrocentos e sessenta metros, cortando os colmos de trigo em dois metros, e alguns decimetros. Como o terreno era de espaço a espaço cortado de regos fundos, tanto mais profundos e proximos, quanto a dispo-

sição do solo o tornava mais humido, sentia-se a machina estremecer sobre aquelles regos, communicando-se o estremecimento aos homens que trabalhavam com ella.

Merece ser publico o seguinte calculo que a este respeito nos apresenta o senhor Monteiro:

«Nós já fizemos algumas considerações economicas, quando dissemos, que com a machina se podia acudir ás searas, que estavam na sezaõ, revertendo em beneficio do lavrador um terço ou quarto da sua producção, quando ceifadas em tempo opportuno; porém estas considerações abrangem maior esphera, e provêm de origens diversas: assim nos dois exemplos comparativos, que deixamos dito, a machina trabalhou, termo medio, por setenta homens por dia, o que, calculado a quatrocentos réis diarios por homem, faz a quantia de vinte e oito mil réis, deduzindo as despezas feitas com a machina, cinco homens dois mil e quatrocentos réis, dois rapazes seiscentos réis, duas juntas de bois dois mil réis, machina mil e duzentos réis, prefaz seis mil e duzentos réis: deixa liquido ao lavrador vinte e um mil e oitocentos réis. Levando mais longe estes nossos calculos, acharemos, que cada alqueire de pão ceifado por homens fica ao lavrador por vinte réis, em quanto que o ceifado pela machina fica de quatro a cinco réis o alqueire, isto suppondo que a producção media é de oito sementes.»

Faz-se porém a observação que esta machina não pode comtudo ser applicada indistinctamente a todos os terrenos, e requer grandes planicies.

Convirá terminar aqui este extracto dos *apontamentos praticos e economicos* d'esta machina de ceifar, que o dito senhor José Vaz Monteiro publicou no *Diario do Governo* n.º 475 de 28 de Julho do anno passado, e que o agricultor curioso de mais larga informação ali pode procurar, com a seguinte noticia que sobre a materia deparámos no *Boletim do ministerio das obras publicas*:

«Na ultima exposição agricola de França apresentaram-se numerosos ceifadores mechanicos, que foram submettidos a severos e pausados exames, em presença de immensas multidões, e avaliados por juizes competentes. O exito correspondeu, e pode assegurar-se que este melhoramento deve reputar-se como um dos factos mais importantes da nossa epoca, e de maior interesse para a agricultura.

«As experiencias fizeram-se em Trappes, e as machinas de ceifar que concorreram eram construidas segundo tres systemas distinctos.

«O de Hussey, representado pela machina de W. Dray, não satisfiz as esperanças concebidas pelo seu resultado nos arroses de Teste.

«O ceifador mechanico fabricado pelo systema de Bell offerece tambem inconvenientes.

«As honras do ensaio de que tratámos, couberam todas á machina de Mac-Cormick que alcançou a medalha grande honorifica...

«Só na America se contam perto de dois mil e quinhentos *ceifeiros* (mechanicos) funcionando, e esta prova responde a todas as objecções. Dos seus repetidos ensaios e experiencias Mac-Cormick tirou a persuasão, de que um systema de *serras* armadas de dentes cortantes como os gumes da foice, e operando contra um ponto fixo, era o unico susceptivel de bons e duraveis resultados.

#### Faiança, sua origem, e diversas especies.

A faiança é uma louça commum, preparada com argila, que se cobre, depois de cozida, com um esmalte opaco, composto de oxydo de chumbo e de estanho.

Corre noticia de que os que inventaram a faiança foram os habitantes da ilha Maiorca. Os italianos trouxeram de lá as primeiras amostras, e por isso ainda lhe chamam *Majorica*, ou *Majolica*.

Ha comtudo motivo para crer que esta composição foi conhecida dos egypcios. O esmalte que cobria a sua louça era verde ou azul.

É tambem opinião de alguns que a palavra faiança originou-se de *Faenza* na Italia, onde se principiou a fabricar esta louça em 1299, e segundo outros de *Fayence*, pequena villa da Provença, que foi o primeiro logar onde se fabricou em França. No tempo de Guidobaldo II, duque de Urbino,



pintava-se a faiança por desenhos ou gravuras de Raphael, e esta é a razão porque se encontram vasos d'aquelle tempo, feitos d'essa substancia, cujas pinturas são hoje muito estimadas.

Muitas cidades de França levaram este trabalho a grande ponto de perfeição. As magnificas figuras de Henrique II e III que estão no tumulo de Diana de Poitiers, foram feitas em Ecouen.

As manufacturas de faiança de Sevres e Poitiers são afamadas na Europa.

As faianças communs tem o inconveniente de rachar o esmalte pelo uso, e deixar então penetrar pelas fendas as materias gordurentas e outras que se não podem limpar bem, o que depois lhes dá pessimo cheiro.

#### A tarde, entre a murta.

Continuação.

#### ACTO III.

Casa de campo pertencente a D. Sophia d'Athaide.

A scena passa-se n'uma sala reservada, cujas portas, do lado direito do espectador, deitam para os quartos de D. Sophia; á esquerda do espectador uma secretaria elegante com papeis, tinteiro, etc.; á direita, sophá do ultimo gosto, forrado de velludo escarlata com franjas pretas, e duas grandes almofadas bordadas a oiro com franjas largas de oiro e prata. D. Sophia traja de setim preto, e tem os cabellos penteados com a maior simplicidade. Ao levantar do panno, D. Sophia está sentada a um lado do sophá com a mão esquerda encostada á almofada competente. Ao seu lado, e n'um banco inferior, uma irmã da caridade, tendo entre as suas a mão direita de Sophia, que está pallida e desfigurada, como quem se ergue de uma grande doença.

#### SCENA I.

SOPHIA E A IRMÃ DA CARIDADE.

IRMÃ.

Como se sente hoje, minha filha?

SOPHIA.

Muito fraca, mas um pouco melhor; a irmã restituiu-me a vida que me fugia, e não sei se isso foi para bem.

IRMÃ.

Para bem foi, minha filha, porque tudo que Deus faz é por melhor.

SOPHIA.

Como é diferente a irmã da caridade da mulher do mundo; da rainha das salas: uma ergue-se alta de vaidade á luz resplandecente dos candelabros, vestida de sedas e toucada de flores; e com o riso nos labios e a vaidade no coração, faz com que os homens se matem uns aos outros, leva a discordia ao centro das familias, e a tudo faz mal!

IRMÃ.

Oh! filha da minh'alma, não se exalte assim, que lhe faz mal; console-se, que a Magdalena nunca teria sido tão santa se não tivesse sido tão peccadora.

SOPHIA.

E em quanto nós, perdidas d'amores, andamos loucas no correr das walsas, lá vão essas nossas irmãs, ao clarão dos relampagos, debaixo de chuvas, e ao estrondo dos trovões, lançar o balsamo consolador na alma dos infelizes, exercer para com elles a maior de todas as virtudes — a caridade!... Devo-lhe a vida, minha irmã, porque o meu mal não era do corpo, era da alma; e os males da alma só se curam consolando-a!...

IRMÃ.

A caridade é o verdadeiro sentimento de amor pelo proximo na presença de Deus.

SOPHIA.

Mas isto que eu tive, que me levou a ver a morte, porque estive morta, minha irmã, foi um grande desassocego de espirito, desassocego que os remedios não podiam curar, que os medicos não podiam comprehender; era o amor e o despeito, era a dôr intima que me tinha causado um insulto horrivel; era o orgulho offendido de uma mulher de sala!... Contei-lhe muito da minha vida, não é assim?... Contou-me a sua, pouco feliz tambem!... Porém hoje, minha irmã, agora mesmo, eu cercada d'este resto de pompa, e moça ainda, e a irmã mais avançada na idade, com esse habito, santelmo de infelizes, é muito mais feliz do que eu.

IRMÃ.

A minha dôr é mais antiga, e vem de mais longe a minha resignação; e depois, a minha filha não faz idéa como é doce e verdadeiramente agradável para nós a consolação de fazermos bem ao nosso semelhante.

SOPHIA.

Talvez... deve ser.

IRMÃ.

A caridade é paciente e bondosa; a caridade não conhece o orgulho, nem a insolencia, nem a inveja; e nós, cuja missão sobre a terra é valer a nossos irmãos, acompanhá-los nas horas da agonia, receber-lhes os ultimos suspiros, e prepará-los para o somno eterno; nós não devemos conhecer, nem suppor maldade em coisa alguma. A caridade, a maior das virtudes, filha de Deus e nossa irmã, ensina-nos a perdoar tudo, a esperar tudo e sofrer!...

SOPHIA.

Esperar? o que quer que eu espere?... Nem ao menos morrer innocente aos olhos de D. João!... Sofrer? isso sim; mas soffrer com aquella verdadeira resignação com que a irmã soffre, é que eu não posso ainda! Esperar? O que? se não fór a pequena consolação de seccar algumas lagrimas, cedendo a maior parte do que eu tenho aos que mais precisam do que eu.

IRMÃ.

E' uma acção digna de uma alma como a sua, minha filha... Diga, como se sente agora?

SOPHIA.

Muito fraca ainda; mas o espirito está socegado, e tanto que logo poderei escrever a Pedro de Mendonça; quero ver se consigo uma boa acção d'aquelle homem, que para tão longe lançou a minha felicidade... E somos nós as vaidosas!... Nós! pobres mulheres que nós somos!...

IRMÃ.

Perdoe, minha filha, perdoe a D. Pedro de Mendonça, e acredite que se D. João se não convencer da sua innocencia, esse que tudo sabe, que tudo pode, que n'um aceno sepulta imperios, que tirou o mundo do cahos, e em nada pode tornar o mundo; esse ente sublime, esse ente poderosissimo, Deus, minha filha, conhece as suas culpas, e hade perdoar-lhe!...

SOPHIA.

(Com crença) Deus!...

IRMÃ.

E a nossa consciencia são os unicos juizes com que nos é mister estar bem.

SOPHIA.

E' a caridade que me anima.

IRMÃ.

Sim... e sem ella a devoção é inutil para alcançar o ceo. A caridade não é o monopolio de religião alguma; pertence a todos, é espontanea; nasce em nossas almas, como á beira dos rios nascem as flores, como se forma o matiz dos prados.

SOPHIA.

Minha irmã, isso que está praticando para comigo é a caridade; caridade verdadeira... Sempre o contra-veneno para todos os males — a paz sempre antepondo-se á guerra — a consolação. Continua.

Nem a muita riqueza nem a muita pobreza presta pelo commum ouvidos á razão.



Janotas do seculo actual.

Janotas do seculo passado.